

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PSICÓTICO

THE CONSTITUTION OF THE PSYCHOTIC SUBJECT

BEATRIZ GOMES VIANA^{1*}, ANDRÉ LUÍS SCAPIN²

1. Acadêmica do curso de graduação em Psicologia da UNINGÁ - Centro Universitário Ingá; 2. Psicólogo e Psicanalista, Mestre em Psicologia pela UFSC, Presidente do Parlêre – Espaço de Psicanálise, Professor do curso de Psicologia da UNINGÁ - Centro Universitário Ingá.

* Rua Belém, 100, Parque Residencial Cidade Nova, Maringá, Paraná, Brasil. CEP: 87023-150. bia_gv05@hotmail.com

Recebido em 17/07/2016. Aceito para publicação em 16/09/2016

RESUMO

O presente artigo objetivou compreender como ocorre o processo de estruturação do sujeito mediante a função paterna, assim como entender no que a ausência dela irá implicar na formação deste sujeito. Buscou-se fundamentos na teoria psicanalítica lacaniana, e utilizou-se como método de pesquisa a revisão bibliográfica de obras clássicas e contemporâneas. Foi possível constatar que o sujeito desde seu nascimento está submetido à vontade de um Outro, sendo este que lhe inserirá no mundo da linguagem. Quando essa relação dual se mantém intocada, a mãe não lhe introduz um terceiro interditor e o sujeito ficará preso em uma relação fusional com ela, situação fundante de uma estrutura psicótica no sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Psicose, Complexo de Édipo, desejo, função paterna, função materna.

ABSTRACT

The purpose of this article is to understand how is the process of structuring the subject by the paternal function, as understand how the absence of it, will involve the formation of this person. Based on fundamentals of Lacanian psychoanalytic theory, the research method used was the literature review of classic and contemporary works. It was established that the subject, since his birth is subject to the will of an Other, and this Other will insert him in the world of language. When this dual relationship remains untouched, when the mother does not introduce him a third interdicting, the subject will be stuck in a fusional relationship with her, founding a psychotic structure situation in the subject.

KEYWORDS: Psychosis, Oedipus Complex, desire, paternal function, maternal function.

1. INTRODUÇÃO

A Este trabalho irá versar sobre o desenvolvimento do sujeito enquanto psicótico, justificando-se pela atualidade do tema, assim como pela sua importância e visando obter um maior esclarecimento sobre a função materna, bem como sobre a importância da função paterna para a constituição do sujeito.

Sabe-se que a função materna é de suma importância para a formação do sujeito, pois é a partir dela que o

sujeito terá subsídios para sobreviver fisicamente, quando a mãe lhe empresta a sua voz e dá significado aos seus choros, e também psiquicamente, pois a mãe será aquela que lhe introduzirá no mundo da linguagem. É a mãe que o coloca em contato com a lei, visando sua constituição como ser separado dela. Já a função paterna é o que gera a falta em ser, o desejo, emergindo assim o sujeito. Sendo assim, esse tema se justifica cientificamente através da importância da constituição do sujeito na teoria psicanalítica lacaniana.

O presente artigo encontra-se dividido em quatro seções, sendo elas: a Introdução, Material e Métodos, os Resultados e Discussão e a Conclusão. A segunda seção, material e métodos, informam ao leitor sobre o método utilizado, sendo este a revisão bibliográfica, bem como os dados foram coletados. Já a terceira seção se subdivide em quatro tópicos: o Complexo de Édipo, a função materna, a função paterna, e a constituição do sujeito psicótico.

Os resultados e discussão também se encontram subdivididos em quatro tópicos, sendo eles o Complexo de Édipo; que irá explicar o desenvolvimento do sujeito desde o seu nascimento; a função materna que visa compreender a importância do Outro nesse desenvolvimento; a função paterna que é a que interdita a criança, inserindo nela sua falta. Aqui se expõe também do declínio dessa função. Depois, descreve-se a constituição do sujeito psicótico, que mostrará o que ocorre na formação do sujeito o levando o estruturar-se dessa forma. Por fim, como a última seção, a conclusão, que visa explicar de forma resumida as considerações resultantes da elaboração desse artigo.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O método utilizado para a realização desta pesquisa é a revisão bibliográfica. Os dados foram obtidos através de artigos científicos disponíveis em bancos de dados brasileiros *online*, como o Scielo e Pepsic, buscados por meio de palavras-chave como: função paterna, psicose, Complexo de Édipo. Também foram utilizados livros de autores que se baseiam em uma perspectiva psicanalítica lacaniana. Esse trabalho contém cerca de seis artigos

científicos, disponíveis online, quatorze livros também de caráter científico e uma dissertação de mestrado, todos devidamente referenciados.

De acordo com Gil (2002, p. 44)¹ “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Sendo assim, o presente artigo se apresenta de forma científica.

3. DESENVOLVIMENTO

O Complexo de Édipo

Segundo Folberg & Maggi (2002)², ao nascer, a criança estará inteiramente submetida à dependência de um outro, que possibilitará a sua sobrevivência, assim como sua entrada no mundo da linguagem. Um sujeito só irá se constituir se um “Outro”¹ estiver ali para emprestar o seu olhar, ouvir-lo e emprestar a sua voz à criança, assim como dar significado aos seus choros. O papel do Outro é geralmente ocupado pela mãe, mas não obrigatoriamente, podendo ser desempenhado por quem cuide dessa criança.

A partir da relação com o Outro, a criança irá se desenvolver e com isso adentra ao Complexo de Édipo, o que, segundo Freud (1923)³, ocorrerá desde a primeira infância. Lacan, posteriormente, o dividiu em três tempos.

No primeiro tempo do Complexo de Édipo a criança não se vê como algo separado de sua mãe, e segundo Bleichmar (1984)⁴, a mãe verá o filho como aquele que a completa, sendo o seu falo, ambos vivem uma relação dual mãe-filho. A criança vê a mãe como alguém que está ali para satisfazê-la e por isso se submete a ela, sendo a criança entendida como o eu ideal, onipotente e completo. Depois passará a buscar o desejo do desejo da mãe. Trata-se de desejar o desejo que a mãe deseja, formando-se uma tríade mãe-desejo-filho.

O menino e a mãe formam uma unidade narcisista em que cada um possibilita a ilusão no outro de sua perfeição e produz um narcisismo satisfeito. A mãe converte o menino em falo, para poder ser, como dizíamos, a mãe fálica^{2,4}.

Segundo Zenoni (2007)⁵, quando o sujeito passa para o segundo tempo do Édipo, a mãe é a responsável por introduzir simbolicamente o Nome-do-pai, ou seja, o pai (não necessariamente a figura masculina ou o pai real). Em um primeiro momento essa figura só vai aparecer através da linguagem da mãe para a criança como aquele possuidor do falo, aquele “ser completo”, representante da lei. Só mais tarde esse pai vai aparecer como real para

a criança. Folberg & Maggi (2002)², completam esse pensamento dizendo que a “função paterna” é o que vai interditar a onipotência da criança com mãe. Segundo Campos [200-]⁶, o pai é o interditor, o operador do “não”, quebrando a relação dual já estabelecida e se colocando como um terceiro nessa relação, sendo agora uma tríade pai-mãe-filho. Com isso a criança passa do simbólico para o imaginário, em que passa a buscar o objeto de desejo: o falo.

De acordo com Campos [200-]⁶, no terceiro tempo do complexo de Édipo, o pai aparece como aquele que pode doar o falo à criança, numa forma de amor paterno. O que era o representante do não, passa a dizer sim. A criança passa a se identificar com o genitor, querendo ter o que ele tem, formando o ideal do eu do sujeito. Diante disso, Bleichmar (1984)⁴, expõe que acontecem duas consequências a partir do terceiro tempo, sendo elas: a aceitação da lei, que interdita o incesto, e a abertura da possibilidade para o menino de se relacionar com outras mulheres que não sua mãe. O sujeito agora buscará atender as demandas de Outro para se sentir amado e completo.

Segundo Freud (1924)⁷, o Complexo de Édipo irá oferecer duas possibilidades de satisfação para o menino: uma ativa e outra passiva. Na ativa o menino poderá se colocar no lugar de seu pai e ter relações com a mãe, e ver que a mãe não possui o pênis, dando-se conta da castração da mãe. Na passiva o menino, dotado de uma atitude feminina, buscará tomar o lugar de sua mãe para manter relações com o seu pai.

De acordo com Freud (1923)³, a organização genital masculina acontece a partir do momento em que a criança começa a se questionar em relação às diferenças de gêneros. Essas diferenças logo são percebidas, porém a falta de um pênis não é entendida, os meninos acreditam que a mãe assim como as mulheres em geral tem um pênis pequeno que ainda irá se desenvolver e crescer. Quando de fato eles entendem que mulheres não têm pênis, inventam e acreditam na teoria de castração, em que de alguma forma as mulheres possuíam um pênis, mas o perderam. Isto é sentido com grande pesar, pois a castração se torna real.

Em 1925, Freud⁸ escreve que o sexo feminino só entrará no Complexo de Édipo por meio da castração. Isso é diferente nos meninos, que saem do complexo por temor à castração. No caso da mulher é quando ela nota que não possui o pênis, que esse não vai crescer ou lhe ser dado pela sua mãe. Aqui se instala a inveja do pênis, em que a menina passa a buscar a compensação para isso, ela buscará agora o amor de seu pai, para que ele possa lhe dar um substituto para o pênis, que seria um filho, e passa a sentir ciúmes de sua mãe, por essa possuir o seu pai.

Segundo Freud (1931)⁹, a mãe é o primeiro objeto de amor de ambos os sexos, e a menina irá se afastar desta e

¹ Outro é o lugar simbólico, aquele que possui lugar no campo da linguagem.

² Mãe Fálica é aquela que sente que nada lhe falta, está completa.

direcionar-se para pai em virtude da hostilidade para com a mãe, por culpá-la de tê-la feito "incompleta" como ela, e com isso direcionará seu investimento libidinal para a figura do pai.

O Édipo não é somente o complexo nuclear das neuroses, mas, também, o ponto decisivo da sexualidade humana, ou melhor, do processo de produção da *sexualização*. Será a partir do Édipo que o sujeito irá estruturar e organizar o seu *vir-a-ser*, ou acontecer psíquico, sobretudo em torno da diferenciação entre os sexos e de seu posicionamento frente à angústia de castração¹⁰.

Com isso podemos dizer que é frente ao Complexo de Édipo que o menino ficará dividido em ambivalência pelo mesmo genitor. Dando início ao processo de castração, o menino amará seu pai e se identificará com ele e ao mesmo tempo vai odiá-lo por esse possuir a mãe, e passará a fantasiar em relação a esse ódio. Isso gera nele a angústia pela possibilidade desse pai castrá-lo (aqui entendido no sentido real).

Segundo Freud (1924)⁷, a menina não aceitará sua falta de pênis, buscará compensar essa falta quando na vida adulta conseguir gerar um filho. Nota-se que as fases de organização genital feminina e masculina são semelhantes, mas não são simétricas. A menina aceitará a castração de fato, pois visualiza em seu corpo a falta. O menino, possuidor do pênis, também aceitará a castração e irá introjetar no ego o ódio de seu pai, por querer possuir sua mãe e ser impedido em seu desejo. Isso formará o seu superego, uma vez interdito o incesto com a mãe. Ambos os sexos irão, a partir daqui, buscar o amor fora da tríade mãe-pai-filho, e recalcar as lembranças do complexo.

A Função Materna

De acordo com Checchinato (2007)¹¹, no início de sua vida, a criança é completamente dependente mais da mãe do que do pai, devido estarem juntos desde a ligação placentária, passando pelo leite materno até os cuidados de higiene. A presença posterior do pai será sentida como liberdade subjetiva pela criança, em virtude dos efeitos da castração, que irá impor um limite ao gozo materno.

Checchinato *et al.* (1988)¹², complementa que a função materna (não necessariamente é desenvolvida pela mãe da criança) pode ser pensada segundo duas vertentes: a da necessidade e a do desejo. Isso porque, como descrito no *Complexo de Édipo*, a mãe irá se emprestar para o bebê, dando-lhe voz e suprimindo suas necessidades, estabelecendo com ele uma relação de total dependência, onde um não consegue se ver separadamente do outro. Será desta relação que se instaurará na criança o campo do simbólico.

Conforme Checchinato *et al.* (1988)⁴, é a através do estágio do espelho, em que a criança se identifica e se aliena na própria imagem proposta pelo Outro. Que a criança viverá sua equivalência ao falo, como objeto

imaginário, se presentificando como objeto do desejo da mãe. Essa a vertente imaginária da relação mãe-filho, que possibilitará a ele o reconhecimento de um corpo unificado.

A mãe fálica funda, com seu filho, uma célula narcísica; a criança cola totalmente à mãe, e o pai não tem entrada; há, então, uma convergência total dos desejos (recíprocos do filho e da mãe), e a criança não pode sair dessa situação de espelhamento. O pai aparece como privador somente se a mãe o reconhece como tal. Se no discurso e no desejo materno não há reconhecimento do pai, a criança fica submetida à relação dual e, portanto, a um futuro de psicótico ou de perverso¹³.

A partir desta citação, pode-se constatar que é a partir da fala da mãe que a criança vai introjetar a existência do pai, que aparece primeiramente de forma imaginária, sem faltas, completo, como o Outro da mãe, aquele que a castrou. Diante disso, a criança passará de uma relação dual mãe-filho para a relação de tríade mãe-pai-filho. Todavia, isto não ocorre na estruturação do sujeito psicótico.

Como isso não ocorre, o pai deixará de existir no discurso da mãe, e a criança permanecerá nessa relação arcaica mãe-filho. Nele ele continuará representando para a mãe o seu desejo, o seu falo e sua completude, abrindo mão de si mesmo e não reconhecendo um terceiro. Em outras palavras, não reconhecendo o pai e sua Lei. Segundo Checchinato (2007)¹¹, toda substituição da função do pai pela mãe será patológica, seja porque o torne insuficiente em exercê-la, seja por excluir sua referência ao desejo dele ou por ele estar ausente. Da mesma forma, toda a imperfeição na relação triangular também será insuficiente.

De acordo com Dor (1991)¹⁴, é apenas quando o Nome-do-pai é foracluído que o recalque originário irá fracassar e ficará aberto o acesso aos conteúdos simbólicos. Isso fará com que a criança permaneça numa relação arcaica com a mãe, na qual continuará se constituindo como o falo dela. Isso ocorre quando o pai simbólico não tem lugar no discurso da mãe. O investimento materno para com o sujeito é especialmente notável mesmo antes de seu nascimento, embora o bebê só seja marcado por este investimento após nascer. É a partir do investimento fantasístico que a mãe estabelece com a criança que esta se entenderá como o falo, representante do desejo materno, objeto de seu gozo fálico, tornando-se um psicótico.

A partir da concepção, o sujeito desempenha para a mãe um papel muito preciso no plano fantasístico; seu destino já está traçado; ele será esse objeto sem desejos próprios, cujo único papel será preencher o vazio materno⁴.

A Função Paterna

De acordo com Silva (2007)¹⁵, a função paterna tem

por objetivo mostrar a dimensão de um Outro, um terceiro, que tem o poder de privar a mãe, mostrando-lhe sua falta, sua incompletude. O pai será aquele que introjetará na criança a sua lei, mostrando-lhe também a sua falta em ser, para que assim se torne um sujeito, um sujeito faltante e desejanse.

A partir do exposto, o que acontece diante do declínio da função paterna? Ou seja, o que acontece se o sujeito não se submeter à Lei do pai?

Segundo Monteiro (2001)¹⁶, a função paterna é a representação da cultura na qual o indivíduo será inserido e que traz a lei onde se lê a interdição. Melman (1992)¹⁷, complementa que é a partir da função paterna que será tomada a base para nossas relações de poder com os outros.

Segundo Dufour (2005)¹⁸, podemos tomar como exemplo alguns “grandes Outros” formados pela sociedade, entendidos aqui como aqueles aos quais nos submetemos a sua lei:

[...] o sujeito foi submetido às forças da *Physis* no mundo grego, ao *Cosmos* ou aos *Espíritos* em outros mundos, ao *Deus* nos monoteísmos, ao *Rei* na monarquia, ao *Povo* na República, à *Raça* no nazismo e algumas outras ideologias raciais, à *Nação* no nacionalismo, ao *Proletariado* no comunismo. Ou seja, ficções diferentes que foi preciso a cada vez edificar com grande reforço de construções, de realizações até mesmo de colocações em cena muito exigentes⁷.

Com essa citação, podemos constatar que, em diferentes tempos e culturas, existiu sempre alguém que tivesse o suposto lugar de completude, e que na modernidade não somos mais regidos por um único Outro, mas sim por vários. Com isso:

O fracasso da função paterna não possibilita uma diferença, um reconhecimento de incompletude e, nessas condições, o sujeito encontrará dificuldades para buscar e criar o que lhe falta, pois “nada lhe falta”. Há uma marca de onipotência e narcisismo que inviabiliza as trocas e os projetos que constituem os ideais de existência futura⁸.

O declínio da função paterna gerará no sujeito uma falta de limite, de uma lei que opere, isto é, a forclusão³ do significante Nome-do-pai (metáfora paterna). Isso se remete àqueles significantes que poderiam servir de eixo central para a construção da subjetividade, mas não se inscreveram, levando o sujeito à psicose.

A Constituição do Sujeito Psicótico

Segundo Soler (2007)¹⁹, para Lacan a psicose está situada no campo da linguagem assim como a neurose, e o que diverge e separa as duas é que a psicose é uma estrutura formada a partir da forclusão, ou seja, aquilo

que está fora da linguagem, que não foi simbolizado pelo sujeito, e que irá se constituir a partir de uma falha do Outro que ocorre durante o Complexo de Édipo. Conforme Meyer (2008)²⁰, o sujeito psicótico não está no campo da linguagem, mas sim no campo do discurso, pois faz parte de uma relação dializável de troca e não de submissão ao Outro.

De acordo com Soler (2007)¹⁹, Lacan expõe que diante da falha da metáfora paterna não ocorre uma desordem, mas sim uma ordem do sujeito psicótico. Quando analisamos essa ordem do sujeito, não podemos a considerar apenas de caráter orgânico, Lacan refuta a organicidade da psicose, a considera, na verdade, como uma ordem de constituição daquele sujeito, assim como a neurose. A mesma autora explica que para entender o que ocorre no sujeito psicótico, precisamos antes entender como que acontece no neurótico:

A metáfora paterna⁴ é formulada como aquilo que permite ao ser do ente, que precisa ser significado, inscrever-se no significado fálico. Pelo efeito metafórico, o “x” escrito na parte esquerda da metáfora paterna, como significado do desejo da mãe (DM), esse “x” que marca também o lugar primordial a que o sujeito é convocado, na medida em que é inicialmente produzido como objeto, como filho desejado, esse “x”, dizíamos, passa a se especificar como significação fálica. É isso que a forclusão impossibilita. Assim, podemos dizer que a psicose não apresenta um sujeito não inscrito na função fálica. Por isso, ela nos dá acesso — um acesso quase experimental, eu diria, um acesso pela falta — aos efeitos dessa função fálica¹⁹.

Meyer (2008)²⁰, explica que o significante Nome-do-Pai é o que vai barrar o Outro, e quando isto é foracluído, não se instaura uma falha nesse sujeito, o que o mantém numa relação arcaica mãe-filho, e o indivíduo ficará como objeto de gozo deste Outro, à total mercê dele.

Diante disso, Checchinato *et al.* (1988)¹², afirma que para um psicótico, seu maior sofrimento será o de não poder gozar com Outro, pois para ele não existirá essa dialética. O psicótico verá o Outro como completo, assim como a si mesmo. Com isso pode-se afirmar que o psicótico está fora da inscrição da metáfora paterna, o indivíduo não interioriza a lei do pai, ficando preso em uma relação dual mãe-filho, que determinará sua estrutura psicótica.

Segundo Meyer (2008)²⁰, quando ocorre a forclusão do Nome-do-Pai, o sujeito não tem acesso ao terceiro, o que promove que ele se projete em invasões sem piedade, ficando exposto a ações do significante⁵, o que dará origem a alguns fenômenos da psicose, como as alucinações

³Forclusão: o termo forclusão veio emprestado do direito, e significa um direito que não foi exercido dentro do prazo.

⁴ Fórmula da metáfora paterna: $\frac{DM\ NP}{x\ DM} NP \left(\frac{A}{falha} \right)$

⁵ Significante é o que representa o sujeito para outro significante.

auditivas, o pensamento antecipado, o eco de pensamento, entre vários outros. O autor ressalta ainda que a forclusão ocorre não pela falta de um pai real, mas sim pela falta de um significante, que provoca a ausência da significação fálica.

4. CONCLUSÃO

A partir da revisão bibliográfica realizada podemos concluir que o sujeito estará submetido à vontade de um Outro desde seu nascimento. Será este Outro que lhe inserirá no mundo da linguagem, emprestando sua voz e dando significado às suas manifestações corporais. A partir desta relação com o Outro, a criança irá se constituir como sujeito faltante. Porém, diante da forclusão do Nome-do-Pai, o que faz com que um terceiro nunca surja no discurso da mãe, aquilo que a marcaria como castrada e faltante não ocorre, levando então a uma falha na constituição dessa criança. Assim, não será rompida a relação narcísica estabelecida com a mãe, ambos continuarão numa relação arcaica, e essa especificidade na constituição do sujeito será o que o levará a uma estrutura psicótica, ou seja, não submetida à interdição da Lei.

REFERÊNCIAS

- [1] Gil CA, Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas; 2002.
- [2] Folberg NM, Maggi RN, Declínio da função paterna e dialética da simbolização. *Estilos Clínicos*, São Paulo, v. 07, n. 13, 2002 [acesso em 14 mar. 2015] Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282002000200007&script=sci_arttext.
- [3] Freud S. Observações genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade 1923. In: _____. O Ego e o ID e Outros Trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Vol.: XIX. P. 157-161. Rio de Janeiro: Imago; 2006.
- [4] Bleichmar, H. Introdução ao Estudo das Perversões: Teorias do Édipo em Freud e Lacan. Porto Alegre: Artes Medicas; 1984.
- [5] Zenoni A. Versões do Pai na Psicanálise Lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, 2007. [acesso em 30 ago. 2015] Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682007000100002.
- [6] Campos QD. O Édipo e as estruturas clínicas (o seminário 5 de Lacan). Recife. [200-]. [acesso 30 abr. 2015] Disponível em: <http://www.interseccaopsicanalitica.com.br>.
- [7] Freud S. A dissolução do complexo de Édipo 1924. In: _____. O Ego e o ID e Outros Trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Vol.: XIX. P. 193-199. Rio de Janeiro: Imago; 2006.
- [8] Freud S. Algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos 1925. In: _____. O Ego e o Id e Outros Trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Vol.: XIX. P. 273-286. Rio de Janeiro: Imago; 2006.
- [9] Freud S. Sexualidade feminina 1931. In: _____. O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e Outros Trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Vol.: XIX. P. 233-251. Rio de Janeiro: Imago; 2006.
- [10] Borges PAA, Moreira OJA. Castração e seus efeitos na Construção da Paternidade. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 22, n.2, p.71-81, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000200006 Acesso em: 30 de agosto de 2015.
- [11] Checchinato D. *Psicanálise de Pais: Criança, sintoma dos pais*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora; 2007.
- [12] Checchinato D, Sobrinho OR, Steffen R, Filho AAS. *A Clínica da Psicose*. 2 ed. Campinas: Papyrus; 1988.
- [13] Jerusalinsky A. Notas para uma teoria das psicoses da infância. In: _____. *Psicanálise do autismo*. 2 ed. São Paulo: Instituto Langage; 2012.
- [14] Dor J. *O pai e sua Função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1991.
- [15] Silva JM. *O lugar do Pai: Uma construção imaginária*. 2007. 152. [dissertação] Belo Horizonte: Pontificadora Universidade Católica de Minas Gerais; 2007.
- [16] Monteiro DA. *A função paterna e a cultura*. Cogito, Salvador, v. 3, 2001. [acesso em 13 mar. 2015] Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792001000100006&script=sci_arttext.
- [17] Melman C, *Alcoolismo, Delinquência, Toxicomania: Uma Outra forma de Gozar*. São Paulo: Escuta para a língua portuguesa; 1992.
- [18] Dufour RD. *A Arte de Reduzir as Cabeças: Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. 2 ed. Rio de Janeiro: Companhia de Freud; 2005.
- [19] Soler C. *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; 2007.
- [20] Meyer RG. *Algumas Considerações sobre o Sujeito na Psicose*. Ágora, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2008. [acesso em 13 jul 2016] Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000200009.